



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**KAROL SOARES**

**(depoimento)**

**2014**

## FICHA TÉCNICA

**Número da entrevista:** E-436

**Entrevistada:** Karol Soares

**Local da entrevista:** Centro Olímpico (São Paulo)

**Entrevistadoras:** Caitlin Davis Fisher e Nadja Marin

**Data da entrevista:** 14/05/2014

**Transcrição:** Isabela Lisboa Berté

**Copidesque e Pesquisa:** Isabela Lisboa Berté

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 17 minutos e 50 segundos

**Páginas Digitadas:** 6 páginas

### Observações:

Entrevista realizada pelo coletivo Guerreiras Project com o objetivo de gerar a produção de um vídeo sobre futebol e mulheres no Brasil.

Integra o Programa Futebol e Mulheres, desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO). Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em agosto de 2014.

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada</p>
--

## **Sumário**

Origens no nordeste; O sonho de jogar futebol e a viagem para São Paulo; Relação com a família; Chegada no sudeste e percepções do futebol feminino profissional; Participação na equipe da Associação Portuguesa de Desportos. Preconceito; Significado da palavra guerreira; Relação entre parar de estudar e o sonho de se tornar jogadora; Mensagem para meninas que querem se tornar jogadoras de futebol.

C.F. – Esse primeiro o recorte é mais sobre sua história. Como que você vai?

K.S. – Bom, meu nome é Karol Soares, eu sou do nordeste, sou de Sergipe e jogo futebol desde os nove anos de idade. Hoje, atualmente, eu jogo na Portuguesa<sup>1</sup>, é o primeiro campeonato paulista que eu estou jogando e para mim está sendo uma experiência incrível porque sempre sonhei estar aqui com várias jogadoras de seleção. Então, estou começando minha carreira...

N.M. – E como você veio para cá? Quem que... Como você veio parar aqui?

K.S. – Então, como eu tinha sonho e não tinha condições de chegar até São Paulo, eu vim pra cá de carona. Eu vim pra cá de carona de caminhão e passei longos dias na estrada até chegar aqui em São Paulo. E quando eu cheguei aqui em São Paulo eu me deparei com outro mundo e daí eu passei a morar com pessoas de rua, estava morando com... Dormia, só tinha lugar para dormir, ficava na rua o tempo todo. Até conseguir ir na Federação Paulista e conseguir um time, que foi no São Caetano<sup>2</sup>. Mas eu não consegui ficar lá ano passado e ganhei oportunidade na Portuguesa, é onde estou nesse ano.

N.M. – Aí você chegou na federação, você conversou com alguém, foi falando?

K.S. – Então, eu conversei com o pessoal lá da portaria porque como eu estava toda humilde, eu fiquei com vergonha, achei que eles não iam me deixar entrar. O dia estava chovendo, eu estava toda encharcada, eu fiquei com vergonha. Mas eu conheci um rapaz que trabalhava na portaria e ele acabou ajudando, pegando os números do pessoal do futebol feminino. E foi quando eu conheci a Grazi<sup>3</sup>, as árbitras e a Dri<sup>4</sup> que me ajudaram muito. E fui no São Caetano, e quando cheguei lá, estavam as meninas da seleção, a Maurine<sup>5</sup>... E era meu sonho. E quando eu comecei a jogar com elas, eu me machuquei,

---

<sup>1</sup> Associação Portuguesa de Desportos.

<sup>2</sup> Associação Desportiva São Caetano.

<sup>3</sup> Grazielle Pinheiro Nascimento.

<sup>4</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>5</sup> Maurine Dorneles Gonçalves.

fiquei depois quatro meses parada, o tornozelo. E foi aí quando eu conheci o Prisco<sup>6</sup>, hoje meu treinador na Portuguesa, e foi quando eu vim pra cá na Portuguesa.

C.F. – Você falou que você chegou, mas e seus pais acharam o quê?

K.S. – Então, meus pais eles ficaram lá no nordeste, mas assim, eles meio que não sabem que eu fiz isso porque como eu vim de um lugar humilde, muito pequeno, eu não tinha perspectiva nenhuma de realizar o meu sonho, então larguei tudo que eu tinha e vim com a bolsa e a chuteira.

C.F. – Você estava com quantos anos quando saiu de casa?

K.S. – Eu estava com dezoito anos quando eu saí de casa, hoje eu tenho vinte e um mas nesse período, de dezoito anos até vinte um anos, foram os quatro anos tentando um clube para jogar. E o primeiro clube que eu consigo é esse ano.

C.F. – Lá no Nordeste não tem nenhum clube que você achava que podia jogar, ou perto de onde você morava?

K.S. – Não, como eu falei. No Nordeste é... O melhor lugar pra jogar futebol no Brasil é aqui em São Paulo. Eu queria vim pra São Paulo e no Nordeste não temos muita oportunidade no futebol. E eu estava relembrando que eu conheci a Taís Picarte<sup>7</sup>, a goleira, lá no Vitória de Santo Antão<sup>8</sup> e eu cheguei lá do mesmo jeito assim, eu cheguei lá, aí eu pedindo oportunidade pra fazer o teste e tal. Só que eu não consegui ficar lá e depois, eu saí procurando outros times, até chegar aqui em São Paulo.

C.F. – E seus pais hoje apoiam você. Eles o que acham?

K.S. – Meus pais assim, não é que eles apoiam, é... Como que eu posso falar... Não sei... Eu acredito mais em mim, entendeu? Antes eu ficava imaginando, que se eu tivesse apoio

---

<sup>6</sup> Prisco Palumbo, técnico da Associação Portuguesa de Desportos.

<sup>7</sup> Thais Ribeiro Picarte.

<sup>8</sup> Associação Acadêmica e Desportiva Vitória de Santo Antão.

da minha família, eu poderia conseguir, mas hoje não, hoje eu penso que... Eu acredito mais em mim, em mim e em Deus.

C.F. – E que é seu sonho?

K.S. – Meu sonho é chegar na Seleção. Meu sonho é jogar uma Olimpíada, chegar na Seleção.

C.F. – Desde sempre este é o seu sonho?

K.S. – Desde criança... Desde criança que eu via as meninas com a camisa da seleção, cantando o hino nacional, é o meu sonho. Acho que quando isso acontecer vai ser o dia mais feliz da minha vida.

C.F. – E você viu quem? Quem eram seus exemplos, que você assistiu e você gostou?

K.S. – Meu exemplo, no futebol feminino, sempre foi a Cristiane<sup>9</sup>; eu olhava ela jogando e gostava muito dela. Gostava muito, tanto dela como da Marta<sup>10</sup>, justamente pela Marta ser do nordeste também, ser vizinha de lá do meu Estado. São as duas do futebol feminino que eu sempre procurei me espelhar.

N.M. – E quando você chegou aqui, o futebol feminino era o que você esperava? Com o que você se deparou assim?

K.S. – Então, eu acho que hoje o futebol feminino está evoluindo mais, acho que até mais que o que eu esperava, porque para mim é tudo novo, é coisa de outro mundo, sabe? Mesmo as coisas que para muitas meninas é simples, para mim não é simples, porque eu não tive o que elas tiveram, entende? Então pra mim coisas que... Exemplo: estar do lado de pessoas da seleção, para elas é normal, para mim já é diferente. E futebol feminino hoje, aqui para mim, é outro nível, porque lá a gente não tinha oportunidade nenhuma. Lá só

---

<sup>9</sup> Cristiane Rozeira de Souza Silva.

<sup>10</sup> Marta Vieira da Silva.

sonho e sonho, se você quiser futebol feminino você tem que correr atrás com as suas próprias pernas.

N.M. – Mas, além dessa barreira de não ter time lá, tem alguma outra barreira lá? Um preconceito, o que se acha que...?

K.S. – Tem, preconceito tem, principalmente o Nordeste, é muito difícil de se viver no Nordeste. Então, as pessoas lá vivem assim: ter família, ter um emprego normal e pronto. Se você quer, se você tem um sonho como eu tinha, eu era tida como louca, não é? [risos] Sou diferente, sou louca, porque tem um sonho. Então pra eles são coisas de louco. Uma vez um... Eu lembro que uma vez um colega meu falou assim pra mim: que eu nunca ia conseguir chegar ao nível alto do futebol feminino e eu vejo que aos poucos eu estou conseguindo, pela minha determinação. Porque se fosse por eles não, porque eles não têm vontade e justamente por ter o preconceito no futebol feminino, por mulher não jogar futebol. E você vir do Nordeste, onde... Como eu falei, as pessoas tem outra imagem disso. Então acho que aqui em São Paulo é o melhor lugar pra se jogar futebol.

N.M. – E esse seu amigo ele falou isso por quê?

K.S. – Ele falou isso porque a gente jogava, quando era menor, jogava lá no campo de terra, descalço e eu falava para ele que queria jogar, jogar fora, que o meu sonho também é jogar fora do Brasil. Eu falava assim pra ele, e ele falava que isso nunca ia acontecer, justamente pelo futebol feminino não ser tão visado quanto é o masculino. Certo?

N.M. – Mas eles te apoiavam? Os meninos que jogavam com você.

K.S. – É, os meninos me apoiavam, eles achavam que assim...

N.M. – Não apoia você a ir jogar fora, mas apoiar você a jogar, gostar do seu futebol, chamar para jogar junto...

K.S. – Eles chamavam sim, mas hoje, para todos de lá de onde eu vim, que eu posto fotos e tal, é uma surpresa. Porque acho que ninguém esperava que eu pudesse chegar, para mim é muito longe. Eu acho que eu vivo cada etapa de uma vez, então a Portuguesa está me dando essa oportunidade. Para mim é uma etapa que foi muito difícil de ser alcançada, então quando eu posto as fotos assim, as pessoas não acreditam que eu consegui. Eu acho quando eu chegar mais longe... É impossível, pra essas pessoas é impossível, mas o que é impossível pra eles, não é impossível pra Deus.

C.F. – E para você o que significa essa palavra guerreira?

K.S. – Essa palavra guerreira significa vencer a si mesmo porque eu venci não essas dificuldades, acho que eu venci até os meus limites. Porque teve momentos difíceis, muito difíceis, principalmente aqui em São Paulo, que eu achei que eu não ia superar. Principalmente nesse período, que eu fiquei morando com as pessoas da rua, que a gente passava muita necessidade, só tinha o básico do básico. Então eu acho que cada dia a mais eu fui me superando e aprendendo. E aprendi muita coisa. O que eu não aprendi na escola, eu aprendi na vida.

C.F. – Você saiu da escola para morar em São Paulo?

K.S. - Então... Eu parei de estudar justamente por causa disso, por causa do futebol. E hoje eu vou voltar a estudar, porque depois que acabar o futebol, eu quero continuar com outras coisas, eu tenho outras coisas em mente. Mas eu sinto falta assim dos estudos, porque eu vi que quando você foca em um sonho, você abre mão de todas as outras coisas e eu quando foquei no futebol eu abri mão da minha família, abri mão de tudo, de tudo pelo futebol. Então hoje eu vejo que não é só assim também, se você tem um sonho você tem que ter um foco, mas eu também estou pensando mais no futuro, penso mais no futuro, porque o futebol não é para sempre. Vai chegar uma hora que eu vou parar de jogar.

C.F. – Você veio para cá sem casa, sem contato nenhum? Tipo pegou o ônibus, pegou o voo pra vir pra São Paulo, sem nada?

K.S. – Não, eu não peguei voo [risos]

N.M. – Caitlin está por fora [risos]

K.S. – Não, eu não peguei voo. Eu decidi que eu queria vir pra cá e eu não tinha condições de vir pra cá. E eu peguei a chuteira, a bolsa e saí pedindo carona. [risos]

N.M. – Literalmente.

K.S. – Literalmente...

C.F. – Demorou quanto tempo para chegar?

K.S. – Demorei um mês pra chegar aqui em São Paulo. Foi um mês.

C.F. – Sozinha?

K.S. – Sozinha, foi. [risos] Mas o mais difícil acho que foi quando eu cheguei aqui, porque quando eu descii, eu lembro que eu descii lá na Marginal Tietê e eu não sabia o que fazer, e foi no domingo da final da Copa das Confederações, que o Brasil estava jogando. E assim, estava uma chuva muito forte, estava muito frio, muito frio mesmo e eu só estava com a bolsinha e de short. E eu olhava assim vou pra lá, vou pra cá... Para onde eu vou? Eu ficava me perguntando e foi quando Deus mandou um anjo, um rapaz que ia passando assim no meio da rua e falou assim... E deixou o dinheiro cair. Eu peguei o dinheiro e devolvi para ele e ele viu que eu estava desesperada, aí ele perguntou o que é que eu tinha e tal. A gente foi conversando, e foi quando ele me levou em um albergue que é lugar de pessoas que moram na rua. E quando eu cheguei lá no albergue, assim... Foi coisa de Deus, porque eu ia ficar na rua, não tinha nada, não tinha dinheiro, não tinha ninguém. Não tinha contato com ninguém, não sabia de nada. Então, depois foram passando os tempos lá no albergue e eu ia trabalhar em um farol para ter dinheiro para ir pros treinos, lá no São Caetano. E a Grazi<sup>11</sup> me ajudava muito também. Mas depois que eu me machuquei, eu não tinha mais como ir trabalhar, mas foi quando eu conheci o Prisco, como eu já falei, e ele que me deu oportunidade de estar lá, hoje, na Portuguesa.

N.M – Quando você se machucou você não tinha mais como ir treinar?

K.S. – Eu não tinha como treinar, como trabalhar, eu não tinha como fazer nada. Eu tinha que ficar parada, porque eu não conseguia andar.

N.M. – Que aconteceu?

K.S. – Eu torci o tornozelo quando estava treinando com as meninas do São Caetano.

C.F. – Tem alguma mensagem que você queira deixar para meninas que querem ser jogadoras?

K.S. – Sabe, uma mensagem que não só para meninas que jogam bola, mas acho que para todo ser humano, que se a gente tem um sonho, eu acho que se a gente acreditar do fundo do coração e da alma e for atrás do sonho: você consegue! Porque pra mim era impossível estar onde eu estou, como eu já falei, coisas que são tão simples, pra mim não são simples. Como semana passada, foi a apresentação do time oficial da Portuguesa, a gente foi lá no Canindé<sup>12</sup> e tiramos foto com presidente e eu estava lá no Canindé, não é? Canindé para as pessoas é um estádio qualquer, para mim não é. Então, coisas simples para mim são coisas grandes, mas é só o começo.

C.F. – Como é você ir no treino e jogar, chutar na Andréia<sup>13</sup>, a goleira da seleção brasileira?

K.S. – Então... [risos] Primeiro dia que eu fui treinar lá com Andréia, eu acabei fazendo até um gol nela e falei para ela que eu queria tirar uma foto com ela. Ela falou assim: “Você faz um gol em mim e depois quer tirar foto?” Mas hoje, com a Grazi também, não é? É da seleção. Eu vejo essas meninas, eu falo: “Eu não acredito que eu estou aqui.” Eu não acredito, entende? Eu torcia pelas meninas, eu chorava por elas. Mas quando eu vejo essas meninas eu fico viajando, sabe? Admirando assim, porque eu fico pensando se elas

---

<sup>12</sup> O Estádio do Canindé, oficialmente Estádio Doutor Osvaldo Teixeira Duarte de propriedade é da Associação Portuguesa de Desportos.

<sup>13</sup> Andréia Suntaque.

conseguiram, eu também posso conseguir, acho que tudo com trabalho e com esforço e dedicação você consegue. Não é impossível.

[FINAL DA ENTREVISTA]